

Instituto Sedes Sapientiae
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
8º Ano
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
5º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Reflexões sobre a Aula 12 – 01.06.2017

A difícil arte de amar
A limitação do conhecimento entre o homem e a mulher
Uma interpretação da psicologia simbólica junguiana¹

Difficulties in the art of loving. The limitation of knowledge between men and women

Carlos Amadeu Botelho Byington*

* Médico psiquiatra e analista junguiano, membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, membro da Associação Internacional de Psicologia Analítica, criador da psicologia simbólica junguiana, educador e historiador. E-mail: c.byington@uol.com.br; site: www.carlosbyington.com.br.

Introdução

Heidegger nos ensina que, para pensar ontologicamente, o ser humano necessita tematizar os problemas. A tematização da identidade do homem e da mulher é uma ocupação que se perde na origem dos tempos, mas o aprofundamento de seu estudo faz parte de várias ciências humanas na modernidade. Continuando esse estudo, quero aqui enfatizar que, apesar de muitos acharem esse tema resolvido com o rótulo simplório “homens são de Marte e mulheres são de Vênus”, ele é muito mais complexo do que aparenta e está ainda em seu início. Sua importância é devida à polaridade biológica e

¹ Artigo publicado na Junguiana nº 32-1, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. São Paulo: julho de 2014.

emocional homem-mulher ser das mais importantes na vida da espécie e ao fato de ela estar muito deformada e em grande parte fixada na sombra.

Da mesma forma que muitos de nós ainda acreditamos na imobilidade da Terra e, por isso, temos dificuldade de imaginar a descoberta heliocêntrica de Copérnico, também achamos que sabemos como são o homem e a mulher, porque, afinal... já nos conhecemos há bem mais de 100 mil anos, não é?

A formação da identidade e da sombra

A identidade das coisas na consciência não se forma diretamente pelas vivências. **A identidade se cria e se organiza com a formação da polaridade ego e não-ego, ou seja, da polaridade ego-outro.** Vou descobrindo quem eu sou junto com a descoberta de quem eu não sou. **A identidade do ego e do outro emerge da indiferenciação psíquica original pela elaboração dos símbolos e das funções estruturantes coordenadas pelos arquétipos a partir das vivências.**

A elaboração simbólica começa com a atenção do Self focada em um símbolo que está na posição indiferenciada do arquétipo central. Ela continua pela coordenação do arquétipo matriarcal por meio da posição insular e, posteriormente, pelo arquétipo patriarcal, com sua posição polarizada, a qual é seguida pela coordenação do arquétipo da alteridade por meio da posição dialética e termina na posição contemplativa, coordenada pelo arquétipo da totalidade (BYINGTON, 2008).

A elaboração simbólica tem início na posição insular matriarcal por intermédio da **função estruturante da imitação**, que pode ser sintônica (semelhante) ou distônica (reativa), e se aperfeiçoa, na posição polarizada patriarcal, por tantas repetições quantas forem necessárias **das funções estruturantes da introjeção e da projeção**. A elaboração na posição dialética da alteridade continua a ser feita pelas repetições seguidas das funções estruturantes da introjeção e da projeção, que vão, paulatinamente, aperfeiçoando a identidade do ego e do não-ego, ou seja, do outro. A elaboração na posição contemplativa se faz pelo desapego crescente do Ego e do Outro.

De acordo com a psicologia simbólica junguiana, **o arquétipo matriarcal, da sensualidade, e o arquétipo patriarcal, da organização, englobam o masculino e o feminino, ou seja, estão presentes na psique tanto do homem quanto da mulher.** Ao considerar o matriarcal igual ao feminino e o patriarcal igual ao masculino, a cultura em geral e a psicologia em particular projetaram defensiva e redutivamente no masculino e no feminino os papéis históricos vivenciados pelo homem e pela mulher durante os mais de 10 mil anos de dominância patriarcal.

Quando ocorre um distúrbio da elaboração simbólica, a polaridade ego-outro fica deformada. Suas características não se diferenciam corretamente e a identidade dos dois fica misturada e comprometida. **O distúrbio da elaboração é a principal origem da fixação que forma a sombra**, ou seja, o pecado, o crime, o mal e toda a psicopatologia (BYINGTON, 2008).

Devido à sua complexidade e às circunstâncias da vida, a elaboração da identidade e da relação homem-mulher foi se deformando com o tempo e passou a apresentar fixações e defesas tanto na dimensão matriarcal quanto na patriarcal e, também, na alteridade, que inclui os arquétipos da anima e do animus.

Pelo fato de a **elaboração simbólica somente realizar seu potencial pleno dentro da posição dialética de alteridade**, é de fundamental importância elaborar as fixações da relação homem-mulher na dimensão matriarcal, depois na dimensão patriarcal e, finalmente, na própria dimensão da anima, do animus e da alteridade. Precisamos compreender, então, que a função estruturante do amor só pode ser profundamente elaborada e vivenciada quando o homem e a mulher se tornam capazes de se conhecer ao exercerem plenamente a posição dialética, que inclui os arquétipos da alteridade, da anima e do animus. Essa elaboração é inseparável da liberdade, da consideração mútua e dos direitos iguais para o desenvolvimento do homem e da mulher como companheiros no processo de individuação de cada um.

As principais disfunções da polaridade homem-mulher na dimensão insular matriarcal

Seguindo as obras de Johann Jacob Bachofen (1861/1967) e de Erich Neumann (1949/1995), a psicologia simbólica junguiana formulou a teoria arquetípica da história, dentro da qual a dominância matriarcal foi seguida pela dominância patriarcal, a qual, na modernidade, em muitas culturas, começa a ceder espaço **para integrar a posição dialética de alteridade na consciência individual e na coletiva**.

Se nossa espécie tem aproximadamente 150 mil anos (WATSON, 2003) e se sabemos que a dominância patriarcal começou a se implantar entre 10 e 20 mil anos atrás, a partir do assentamento dos povos que se seguiu à revolução agropastoril, podemos supor que a **dominância matriarcal**, que coordenou a consciência coletiva dos grupos nômades caçadores-coletores, **durou mais de 130 mil anos**.

Nessa longuíssima fase denominada pré-história, a relação homem-mulher foi provavelmente marcada pela sensualidade da posição insular matriarcal. Sendo o homem fisicamente mais forte que a mulher, a função estruturante da força física foi certamente

determinante durante a dominância matriarcal (130 mil anos) e a patriarcal (10 mil anos). A sensualidade matriarcal expressa-se grandemente pelo desejo e, por isso, muito provavelmente, o desejo sexual do homem era vivenciado regularmente pelo estupro. À mulher só restava se submeter à força do homem, engravidar, amamentar e cuidar da prole, sendo companheira dele, principalmente nas atividades coletoras. O homem, por sua vez, além da violência sexual contumaz, vivia sua força física dentro da função estruturante da agressividade para a caça, a pesca e a luta com animais ferozes e grupos rivais. Se assim foi, durante tantos milênios, podemos dizer que o protótipo da relação homem-mulher na pré-história foi caracterizado pelo domínio físico do homem sobre a mulher e pela busca do domínio de tudo à sua volta. Se admitimos, como premissa básica, que o amor conjugal é irmão da liberdade e da cordialidade, e que só é possível numa relação igualitária que propicie o desenvolvimento pleno da pessoa, vemos como ele deve ter sido limitado nos milênios da pré-história.

A partir da revolução agropastoril e do assentamento dos povos, por volta de mais de 10 mil anos atrás, com grandes variações entre as culturas, a satisfação matriarcal básica com o alimento acumulado determinou o fim da atividade nômade caçadora-coletora e **mudou o paradigma de dominância matriarcal de busca de sobrevivência para o paradigma de dominância patriarcal da organização social.**

Sabemos hoje que os genes e os neurônios somente operam dentro de atividades existenciais nas quais eles sejam ativados. Quando isso não ocorre, eles simplesmente não operam, e é como se não existissem. Esse fenômeno ressalta **a importância que têm a educação e a cultura para o exercício da inteligência e a formação da visão de mundo.**

O assentamento dos povos deu origem à formação das aldeias, das vilas e das cidades-reino. Uma vez garantida a alimentação com a introdução da silagem, o convívio social das pessoas necessitava agora ser organizado. **A partir dessa vivência coletiva consciente e inconsciente, o arquétipo patriarcal, que é o arquétipo da organização, foi intensamente ativado e propiciou a organização da povoação do planeta.**

Os mitos são os sonhos do Self cultural, oriundos da atuação consciente e inconsciente da função estruturante da imaginação (função transcendente, de Jung) sobre fatos históricos, circunstâncias ambientais ou sobre ideias e emoções individuais ou coletivas. Eles desempenham funções estruturantes arquetípicas conscientes e inconscientes importantes para a formação da identidade individual e cultural.

Só este fato já contraria as teorias do inconsciente coletivo, da psique objetiva e do inconsciente autônomo, pois mostra exuberantemente que o

arquétipo funciona com o inconsciente e com o consciente e não só com o inconsciente.

Como todas as polaridades do Self cultural, **a relação homem-mulher também foi intensamente coordenada pela organização patriarcal.**

Apesar da mudança do paradigma sensual matriarcal para a organização patriarcal, **a lei do mais forte continuou a ser a diretriz maior da elaboração simbólica.** Os governantes foram privilegiados com o poder diante do povo, os nobres diante dos servos e, posteriormente, o proprietário diante do operário, o latifundiário diante do trabalhador do campo, os pais diante dos filhos, o professor diante dos alunos, o ser humano diante da flora e da fauna, e assim por diante. A polaridade homem-mulher sofreu a mesma deformação que a organização da família e da sociedade.

O trabalho no lar, dividido entre a função procriadora e a doméstica, foi atribuído à mulher, enquanto as funções religiosa, militar, jurídica e operacional social foram atribuídas ao homem. As funções do homem foram claramente privilegiadas pelo “pátrio poder”. As consequências desse arbítrio na civilização marcaram e condicionaram por milênios a identidade histórica do homem e da mulher, pela polaridade opressor-oprimido. Apesar da grande diferença que observamos entre esses papéis sociais nas diferentes culturas, o denominador comum arquetípico da polarização patriarcal na organização social, baseada na lei do mais forte, nos permite perceber uma desigualdade inegável, que tem impedido a realização emocional e existencial do homem e da mulher como indivíduos e como casal. Não é fundamental nesse impedimento, se o homem é o repressor e a mulher a reprimida, e sim que ambos tiveram importantes aspectos de sua identidade deformados e fixados na sombra, os quais limitam muito, até hoje, sua realização, seu conhecimento mútuo e a busca do amor.

A manutenção dessa desigualdade por meio do poder tem sido uma das características da organização patriarcal. Uma de suas formas foi o controle da sensualidade da mulher pela mutilação de seus órgãos sexuais externos, que pode incluir a extirpação dos grandes lábios vaginais e a cliterotomia.

Existem hoje, na África, por volta de 130 milhões de mulheres genitalmente mutiladas (BBC BRASIL, 2014). Geralmente, essa mutilação é feita em meninas, ainda inconscientes da sexualidade, pelas velhas parteiras do grupo, elas próprias já mutiladas na infância. Em certas sociedades, porém, as próprias moças pedem para ser mutiladas, pois o fato de não o serem significa que gostam de sexo e, por isso, devem ser preteridas para casar, pois não podem ser “moças de família” (idem, ibidem).

O sadomasoquismo na relação homem-mulher

Ao ampliar a visão sobre a sexualidade utilizando o conceito de função estruturante arquetípica, a psicologia simbólica junguiana pode percebê-la como uma função estruturante da consciência, junto com a função estruturante do poder. Dessa maneira, **a relação sadomasoquista pode ser vista, além de uma perversão sexual (KRAFFT, 1893), também como um distúrbio da relação de poder**, como é o caso do favorecimento da automutilação das pretendentes ao casamento em algumas tribos africanas.

É dentro dessa mentalidade de repressão da sensualidade da mulher na família patriarcal que vemos sociedades islâmicas nas quais milhões de mulheres só podem mostrar sua face para os maridos dentro de casa. Nesse contexto, floresce a repressão não só à sensualidade da mulher, como também ao seu desenvolvimento intelectual. Tornou-se emblemático o caso de um ácido jogado no rosto de meninas que iam para a escola, coroado pelo tiro dado na cabeça da menina Malala, pelo fato de ela defender o crescimento da escolaridade feminina no Paquistão (O GLOBO, 2013). A serviço da repressão da mulher está até mesmo o estupro recomendado por lei tribal. Recentemente, na Índia, uma jovem foi estuprada por 12 homens por ter sido vista namorando um rapaz de outra comunidade (FOLHA DE S. PAULO, 2014).

Dentro dessas barbaridades que nos causam horror e que são praticadas em muitas culturas há milênios, mas que pouco se conhecia e hoje, com a internet, ficamos sabendo dia a dia, devemos reconhecer também as consequências da dominância patriarcal nas sociedades ocidentais consideradas “evoluídas” e nas quais achamos que os homens e as mulheres têm direitos iguais e que, se não se amam, é porque não querem.

A descoberta de Freud (1905) sobre a sexualidade infantil foi um choque para o puritanismo da cultura ocidental. No entanto, mesmo dentro da almejada isenção científica, a psicologia não se liberou da misoginia patriarcal. Assim é que Freud, junto com a descoberta da sexualidade infantil, descreveu a reação da menina quando percebe que não tem pênis, atribuindo a ela um complexo de castração e a inveja do pênis. Um exemplo significativo de sadomasoquismo, dentro da teoria psicológica, parece-me ser o fato de professoras de psicologia ensinarem essa interpretação psicanalítica, de claro viés patriarcal, misógino, como verdadeira.

Outro exemplo da interpretação patriarcal defensiva atribuída pela psicanálise ao desenvolvimento da sexualidade infantil foi a fase de latência descrita da infância até a

puberdade. Ora, o menino não tem essa fase porque sua sexualidade é desde sempre estimulada como incentivo à sua masculinidade. Quem apresenta a fase de latência da sexualidade é a menina, não por ser isso natural, mas sim por ela ter sua sexualidade reprimida. Dessa maneira, a própria descoberta da sexualidade infantil feminina deu margem a mais uma oportunidade para a organização patriarcal defensiva da consciência inferiorizar a mulher.

O quatérnio primário e a formação da polaridade ego-outro

Outra consequência da deformação das identidades masculina e feminina pela coordenação patriarcal do desenvolvimento psicológico foi a redução da relação primária à díada criança-mãe, com a exclusão do pai. Essa redução e deformação da relação primária coincide com os papéis familiares redutivos históricos estabelecidos para o homem e para a mulher na tradição milenar da família formada pela organização patriarcal. No entanto, **essa redução e deformação desaparecem quando percebemos as relações da criança com os pais e a formação da sua identidade ego-outro pelo quatérnio primário coordenado pelo arquétipo de alteridade.** Nessa relação quaternária, o **complexo materno** (mãe e cuidadoras) se relaciona com o **complexo paterno** (pai e cuidadores), estabelecendo um **vínculo interparental** vivenciado pela **criança com base em suas próprias características** (BYINGTON, 2008).

A diferença entre a constituição do homem e da mulher

O homem e a mulher são geneticamente muito diferentes pelo fato de o genoma da mulher possuir os cromossomos XX e o do homem, XY. Essas características geraram um sem-número de diferenças simbólicas, mas que **não são causalmente determinantes de nenhum aspecto de suas identidades.** No entanto, elas precisam ser levadas em conta quando buscamos compreender a identidade e a dinâmica simbólica de sua formação.

Junto com a força física, temos outras três grandes diferenças entre o homem e a mulher, centradas nas funções da menstruação, da gestação e do aleitamento.

Quando analisamos sumarissimamente o funcionamento do organismo da mulher, nos damos conta de que ele é radicalmente diferente do organismo do homem. Desde a puberdade até a menopausa, ou seja, aproximadamente dos 12 aos 50 anos, ela vive ciclos de 28 dias, organizados em função da possibilidade da fecundação e da gestação. Em cada ciclo menstrual, os ovários geralmente liberam um óvulo, que poderá ser fecundado em uma das trompas de Falópio, na descida para o útero. A ovulação está

ligada à interação da hipófise com o ovário para desenvolver cada um dos óvulos do reservatório ovariano. Quando ocorre a fecundação, a menstruação se interrompe e os hormônios femininos preparam a gestação, o parto e o aleitamento. Quando a fecundação não ocorre, recomeçam as menstruações e os preparativos para a possibilidade de uma fecundação, duas semanas depois. Cada ciclo menstrual afeta as mulheres de uma forma ou de outra e as variações dele são comparáveis às quatro fases da Lua.

O organismo do homem é endocrinologicamente radicalmente diferente em função da relação com a fecundação, a gestação e o aleitamento. À produção unitária da mulher para cada ciclo menstrual, compara-se à produção de 300 milhões de espermatozoides por dia e a 600 milhões deles em cada ejaculação. Enquanto cada óvulo desliza soberanamente trompa abaixo em direção ao encontro nupcial, os espermatozoides são dizimados aos milhões pela secreção uterina, de tal forma que somente um sobrevivente será coroado com o triunfo antes da morte (SPIELREIN, 1912).

A diferente formação da identidade do homem e da mulher

Como descrevi em meu livro sobre as sete fases arquetípicas da vida (BYINGTON, 2013), a identidade do menino e da menina se forma de maneira muito diferente a partir do início da terceira fase da vida (2-12 anos). Até os 2 anos de idade, o menino e a menina se sentem iguais ao pai e à mãe quanto à identidade de gênero. Ao se dar conta e ao começar a ser tratado como menino, por volta dos 2 anos, ele percebe que, pelo fato de ser homem, não é igual à mãe, e a menina percebe também que, por ser mulher, não é igual ao pai. Essa constatação para ela não tem inicialmente a importância que tem para ele, pois ela não sofre nenhuma interdição e continuará com todas as atividades iguais às da mãe no vestir (na persona) e no brincar. Ela poderá até mesmo vestir o salto alto de sua mãe, brincar de mãezinha, “ter filhinhos” e “amamentá-los”. A ela, nada será proibido na relação com sua mãe e isso é muito diferente do que acontecerá com ele, que não poderá mais vestir-se como a mãe nem desempenhar qualquer atividade tida como feminina, sob pena de ser ridicularizado e chamado pejorativamente de mulherzinha, para dizer o mínimo.

Como essa transformação ocorre num nível verbal, mas ainda também grandemente pré-verbal, é difícil imaginarmos **o quanto essa separação abrupta e traumática da identificação com a mãe afetará a função afetiva do menino**. No entanto, a grande diferença entre o homem e a mulher, que levou à afirmação de que “homens vêm de Marte” e “mulheres de Vênus”, origina-se nessa separação abrupta. **Quanto maior for a dominância patriarcal na cultura e a repressão da função afetiva**

do menino com a ameaça de homossexualidade, mais difícil será para ele elaborar esse trauma e desenvolver sua função afetiva. A compensação dessa ruptura com a mãe, que seria naturalmente mitigada e compensada pela relação afetiva com o pai, também é cerceada pela ameaça de homossexualidade, que, em grau maior ou menor, pode também ter limitado o amadurecimento da função afetiva do pai.

Dessa maneira, dos 2 aos 12 anos, quanto maior for a dominância patriarcal mais restará ao menino privilegiar a agressividade e o arquétipo do herói para grandes lutas e aventuras, em detrimento de seu amadurecimento afetivo. É esse realmente “o caminho de Marte”, que tornará a competitividade, a agressividade e, em último caso, a guerra uma tendência mais familiar que o carinho e a solidariedade (BYINGTON, 2013).

O que ocorre com as meninas em seu amadurecimento emocional é radicalmente diferente. Elas “são de Vênus” e diferentes dos meninos não porque assim nasceram, mas porque têm a permissão de continuar a simbiose com a mãe após os 2 anos de idade, desempenhando plenamente a função afetiva, sem nenhuma ridicularização ou ameaça de, por isso, se tornarem homossexuais. É comum vermos duas, três e até quatro meninas andando juntas, afetiva e carinhosamente abraçadas, algo impensável para os meninos, ao menos em nossa cultura. Assim, a mulher expressa sua afetividade verbalmente muito mais do que o homem porque ela é bem mais livre e estimulada.

A ferida primal da menina pela separação da identificação com o pai não afetará sua espontaneidade afetiva, que será preservada pela simbiose com a mãe. Essa ferida afetará a autoestima da menina e sua confiança em sua inteligência, em sua iniciativa e em sua capacidade de liderança e de mando, quanto mais prevalecer o privilégio masculino na dominância patriarcal. Essa ferida poderá ser compensada pela relação com um pai que admire sua inteligência e seu desempenho escolar, mas é agravada pela desqualificação da formação intelectual da mulher na sociedade de dominância patriarcal e da identificação da menina com a mãe, ela procria desqualificada.

Devido à limitação da função afetiva e ao estímulo cultural da sexualidade masculina após a puberdade, o homem tende a se relacionar com a mulher privilegiando a sexualidade. **Inconsciente dessa limitação do homem, a mulher tende a entrar no relacionamento de forma predominantemente afetiva e amorosa e esse será um dos importantes panos de fundo para a decepção do amor adulto.** Esse desequilíbrio será agravado quanto mais a mulher entrar no casamento e na criação dos filhos financeiramente dependente do homem e sem autoconfiança para o desenvolvimento profissional e sua autonomia.

A limitação afetiva do homem, além de fazê-lo privilegiar a sexualidade, o deixa inseguro afetivamente. Isso frequentemente o leva a tratar a mulher com um autoritarismo defensivo que varia do controle moral e financeiro à opressão física e mental, convergindo para o sadismo, o espancamento e até mesmo o homicídio. Esse relacionamento opressivo com a mulher, junto com o privilégio econômico-financeiro das classes dominantes, se apega às forças reacionárias avessas a quaisquer medidas progressistas.

A busca do amor na relação homem-mulher e o paradigma de alteridade

A integração progressiva da posição dialética do arquétipo da alteridade, preconizada pelo mito do Buda no Oriente e pelo mito Cristão no Ocidente, abalou as sociedades ocidentais com grandes modificações que começaram a transformar significativamente a dominância da organização patriarcal e a desigualdade da relação homem-mulher.

A segunda metade do século XX apresentou o início dessas grandes mudanças nas sociedades ocidentais. A descoberta dos anticoncepcionais e da função do clitóris no orgasmo da mulher (Hite, 1976; Master and Johnson, 1966); sua profissionalização progressiva; a despatologização e admissão da homossexualidade dentro do desenvolvimento dos direitos humanos; o estímulo ao desenvolvimento da afetividade do homem; a pacificação relativa dentro da globalização e o desenvolvimento fantástico da comunicação foram decisivos para propiciar o crescimento intenso da liberdade de desenvolvimento do homem e da mulher e de sua busca de um diálogo profundo para o conhecimento recíproco e o relacionamento amoroso.

O feminismo

Com o desenvolvimento dos direitos humanos graças à integração social progressiva da posição dialética do arquétipo da alteridade, desencadeou-se na cultura ocidental um movimento de afirmação da mulher em todas as dimensões existenciais. No entanto, deformado pelas muitas defesas estruturadas nos milênios de opressão, o feminismo seguiu, principalmente na segunda metade do século XX, um caminho de autossuficiência, prepotência e competição com o homem pelo poder, **baseado nas mesmas deformações do machismo e da misoginia que, através dos tempos, inviabilizaram a capacidade de amar do homem.** Tratou-se, assim, de uma verdadeira *enantiodromia* (*enantio* = contrário e *dromus* = correr), uma corrida para o contrário no relacionamento homem-mulher, que se opôs à opressão patriarcal da mulher dentro do mesmo arquétipo que a oprimiu. Esse movimento reativo inviabilizou a ultrapassagem da

organização patriarcal para alcançar um relacionamento na liberdade e na amorosidade da alteridade.

Nessa competição atrelada a uma relação de poder, as jovens lançaram-se a uma conduta sexual e social aparentemente livre e moderna, mas cuja insegurança e desregramento caminham defensivamente e sombriamente para o exibicionismo, a promiscuidade sexual compulsiva, a gravidez precoce, as doenças sexualmente transmissíveis e **uma profunda desorientação existencial** que as afastou da autorrealização profissional e amorosa que aparentemente estavam conseguindo.

Aos poucos, porém, o movimento feminista vem percebendo os descaminhos dessa busca, que, devido às inúmeras atitudes defensivas adotadas, precisam ser elaborados e modificados. Com isso, o movimento feminista vem abordando ultimamente seu grande desafio, que **é a realização profissional, com a conquista da independência financeira junto com a preservação da sua riqueza afetiva no relacionamento com o homem, com os filhos e com o lar**, os quais no passado contribuíram para o seu cerceamento, mas que hoje precisam ser integrados na sua autorrealização.

Conclusão

Inúmeros são os entraves históricos constitucionais e psicodinâmicos que necessitamos enfrentar para desenvolver a capacidade de amar, mas a análise desse processo histórico mostra que nossa espécie tem a necessidade de elaborar essa sombra para que o homem e a mulher se tornem companheiros na busca da plenitude.

Sinopse

Baseada na formação da identidade pela elaboração dos símbolos e funções estruturantes coordenados por arquétipos nas incontáveis vivências existenciais, a psicologia simbólica junguiana argumenta, neste artigo, que o amor exige o conhecimento das personalidades dos amantes e que o desconhecimento entre o homem e a mulher, que ainda é muito grande, dificulta sua vivência.

A seguir, o autor defende a tese segundo a qual o conhecimento entre o homem e a mulher vem se desenvolvendo lentamente na história da humanidade, mas ainda está no início. Ele afirma também que até mesmo esse pequeno conhecimento acumulado está deformado por projeções defensivas mútuas, oriundas da constituição física, do

problema do desenvolvimento diferente de um e do outro e da confusão da identidade do homem e da mulher com os papéis que desempenharam na história.

Assim sendo, o autor descreve resumidamente essas deformações e, concluindo, afirma que, para se conhecerem e poderem se amar, o homem e a mulher necessitam antes de tudo elaborar essas deformações milenares que os afastaram e ainda hoje os iludem.

Palavras-chave: amor, relação homem-mulher, formação da identidade do homem e da mulher, redutivismo da identidade às deformações históricas, principais entraves ao amor.

Abstract

In this article Jungian symbolic psychology suggests that love requires a good deal of knowledge of the personalities of men and of women and that lack of knowledge, still very pronounced, limits this experience. The theory is based on identity formation by the elaboration of symbols and structuring functions according to archetypes.

The author supports that knowledge among men and women is slowly developing in the history of humankind, but is still in the beginning, and even this little knowledge is deformed by mutual projections originated in our physical constitution, by the differences of our process of development and by the confusion between the identity of man and of woman with the roles they have lived throughout history.

Therefore, the author summarily describes these deformations and concludes that, in order to know and to love each other, men and women firstly need to elaborate these millenary deformations which have driven them apart through wounds and illusions.

Keywords: love, man-woman relationship, identity formation of man and of woman, identity reductivism to historical deformations, main difficulties to love.

Referências bibliográficas

BACHOFEN, Johann Jacob (1967). Mother right. In: BACHOFEN, Johann Jacob. *Myth, religion and mother right*. Selected writings of J. J. Bachofen. New York: Princeton University Press, 1861.

BBC BRASIL. Três gerações de família somali encaram drama da mutilação genital feminina. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/videos_e_fotos/2014/02/140206_vale_este_mutilacao_genital_feminina_1.shtml. 14 fev. 2014.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho (2008). *Psicologia simbólica junguiana*. A viagem de humanização do cosmos em busca da iluminação. São Paulo: Linear B.

_____. (2013). *A viagem do ser em busca da eternidade e do infinito*. As sete etapas arquetípicas da vida pela psicologia simbólica junguiana. São Paulo: Ed. do Autor, 2013.

FOLHA DE S. PAULO (2014). Mulher diz ter sido estuprada por 13 homens como punição tribal na Índia. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/01/1401657-mulher-sofre-estupro-coletivo-apos-ser-condenada-por-tribo-na-india.shtml>. 23 jan. 2014.

FREUD, Sigmund (1972). *Três ensaios sobre a sexualidade*. Obras completas, vol. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1905.

GLOBO.COM (2013). Saiba quem é Malala Yousafzai, a paquistanesa que desafiou os talibãs. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/10/saiba-quem-e-malala-yousafzai-paquistanesa-que-desafiou-os-talibas.html>. 10 out. 2013.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. (1956). *The Philosophy of History*. New York: Dover, 1899.

KRAFFT, Ebing (1986). Psychopathia sexualis. In: LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B.. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1893.

NEUMANN, Erich (1995). *História da origem da consciência*. São Paulo: Cultrix, 1949.

SPIELREIN, Sabina (1912). *Die Destruktion als Ursache des Werdens*. Jahrbuch für Psychoanalytische und Psychopathologische Forschungen Iv Band, Seite 465-503.

WATSON, James D.; BERRY, Andrew (2005). *DNA – O segredo da vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CRIATIVIDADE E TRANSFORMAÇÃO: AS CINCO METANOIAS UM ESTUDO DA PSICOLOGIA SIMBÓLICA JUNGUIANA²

Carlos A. B. Byington³

Palavras chave: Metanoias – As sete fases arquetípicas – Individuação – Alteridade – Arquétipo Central

Objetivo: Descrever a configuração arquetípica da metanoia.

Conclusão: Existem cinco metanoias e, aquela descrita por Jung, é a quarta.

Em 1909, o antropólogo Arnold Van Gennep descreveu os rituais de passagem das etapas principais da vida social. Assim fazendo, ele caracterizou as diferentes fases da vida social e assinalou que a passagem de uma fase para a outra é implantada por meio de rituais (Van Gennep, 1909).

Abordando a grande crise de passagem do meio da vida do ponto de vista arquetípico, Jung descreveu a **metanoia** como a crise do meio da vida, que dá início à constelação dos Arquétipos da Anima e do Animus, à confrontação da Sombra, à vivência da totalidade que ele denominou Self e ao processo de individuação (Jung, vol. 9 ii).

Ao estudarmos as etapas da vida dentro da perspectiva arquetípica, tendo em mente a obra de Van Gennep, percebemos outras metanoias e, junto com o estudo de cada uma, podemos perceber os significados da etapa arquetípica que a antecede. Isso ajuda a compreender melhor cada metanoia dentro do contexto evolutivo.

A Psicologia Simbólica Junguiana percebe todas as entidades psíquicas como símbolos e funções estruturantes da Psique. Símbolos e funções interagem no processo de elaboração simbólica coordenados por arquétipos e produzem significados que formam a identidade do Ego e do não-Ego, ou seja, do Outro, na Consciência e, quando fixados, na Sombra.

O processo de elaboração simbólica no Self Individual e no Self Cultural é coordenado por quatro arquétipos regentes à volta do Arquétipo Central. Os quatro arquétipos são os Arquétipos Matriarcal, Patriarcal, de Alteridade (Anima e Animus) e de Totalidade. Nesta psicologia, o Arquétipo Matriarcal não é reduzido ao feminino e é

² Palestra apresentada no VII Congresso Latino Americano de Psicologia Junguiana. Buenos Aires, junho, 2015.

³ Médico Psiquiatra e Analista Junguiano. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Membro da Associação Internacional de Psicologia Analítica. Criador da Psicologia Simbólica Junguiana. Educador e Historiador. E-mail: c.byington@uol.com.br site: www.carlosbyington.com.br

considerado o arquétipo da sensualidade e o Arquétipo Patriarcal não é reduzido ao masculino e é o arquétipo da organização. Ambos englobam o feminino e o masculino e estão presentes na psique do homem e da mulher.

A formação arquetípica da identidade coordenada pelo Arquétipo Central (Self) durante a vida individual tem sete etapas e quatro arquétipos regentes. Em cada etapa, a polaridade Ego-Outro na Consciência expressa de forma típica a dominância da coordenação da elaboração simbólica pelo arquétipo regente correspondente a cada etapa (Byington, 2013). Existem cinco posições arquetípicas da relação Ego-Outro na Consciência e na Sombra. Dessa maneira, **noia** é aqui compreendido como uma etapa do desenvolvimento da Consciência e **metanoia** é definida como a etapa que sucede a etapa anterior (meta significa “além de”).

As cinco posições arquetípicas da Consciência são a posição indiferenciada ou ourobórica, correspondente ao Arquétipo Central (Self), a posição insular matriarcal, a posição polarizada patriarcal, a posição dialética do arquétipo de alteridade (Anima, Animus) e a posição contemplativa do Arquétipo da Totalidade. O conceito das posições arquetípicas da relação Ego-Outro na Consciência garante que toda a elaboração simbólica da Psique se situe sempre entre os Arquétipos Regentes e o funcionamento do Ego na Consciência, ou seja, seu arcabouço teórico garante que tudo na Psique seja percebido como arquetípico.

Quando compreendemos a metanoia como a ultrapassagem de um padrão arquetípico e de um estado de consciência para a implantação de outro, nos damos conta que existem cinco transformações muito importantes, que devemos considerar metanoias. Sendo assim, ao estudar as sete etapas arquetípicas da vida, **a Psicologia Simbólica Junguiana situa a metanoia descrita por Jung como a quarta metanoia, na sexta fase arquetípica da vida (40-60 anos) (Byington, 2013).**

A primeira fase arquetípica do Self Individual é a gestação e a segunda ocorre de zero a dois anos de idade. Ambas são coordenadas pelo Arquétipo Matriarcal que aqui se expressa com a sensualidade não verbal. A segunda fase, corresponde à inteligência sensório-motora de Piaget (1959).

A psique consiste de uma dimensão mental e de uma dimensão física. Elas são inseparáveis e interdependentes. Nas duas primeiras fases da vida a dimensão física da sensualidade matriarcal é intensamente predominante. O amadurecimento paulatino das funções neurológicas com a mielinização aumenta cada vez mais a comunicação significativa entre os 100 bilhões de neurônios e o trilhão de sinapses que compõem o

sistema nervoso, e permite o desenvolvimento progressivo das funções orgânicas e das representações mentais.

A primeira metanoia acontece na passagem da segunda (0 a 2 anos) para a terceira fase arquetípica da vida (2 a 12 anos). **Nessa passagem é ativado na criança o Arquétipo Patriarcal com o Ego dela na posição passiva.** Os pais (ativos) determinam e a criança se submete (passiva). O Arquétipo Patriarcal ativado na terceira fase começa a interagir com o Arquétipo Matriarcal e ultrapassar sua dominância, já agora, na dimensão verbal.

Na segunda metade do segundo ano de vida (terceira fase 2-12 anos) começa a se articular a marcha, o controle esfinteriano, a autoalimentação, o sono da criança separada dos pais, a percepção da identidade de gênero e os primeiros fonemas e frases que, no futuro, constituirão a fala. Esse desenvolvimento psicológico inicia o prenúncio da ativação da função transcendente e continua o desenvolvimento transicional descrito por Winnicott, desde o primeiro ano de vida (Winnicott, 1971).

Este conjunto de características físicas e suas correspondentes emocionais e racionais mentais propiciam **a ativação do Arquétipo Patriarcal e sua capacidade de organização e abstração na terceira fase.** O desenvolvimento da abstração enseja a passagem da inteligência sensório-motora para a inteligência conceitual, como descreveu Piaget (Piaget, 1959).

Desta maneira a passagem da segunda para a terceira fase da vida se constitui na extraordinária transformação arquetípica que permitirá à criança sair do mundo pré-verbal para o mundo verbal, no qual se estruturará a linguagem. Essa metamorfose mental e física configurará **a passagem da realidade pré-verbal, na qual predominam as características físico-sensoriais, para a realidade verbal dentro da qual ocorrerá a linguagem e a socialização.** Essa transformação é, sem dúvida **a primeira metanoia,** pois é ela que estabelecerá a vida verbal e racional da criança.

Durante a terceira fase da vida, dos dois aos doze anos, se desenvolverá a linguagem e a simbolização, cujas capacidades metafóricas formarão a inteligência conceitual. Ela inclui o aprendizado da ética tradicional do que se deve e não deve fazer. Daí em diante, durante dez anos, a criança estruturará seu Self Individual dentro da socialização do Self Familiar. Essa estruturação ocorrerá com o Ego da criança na posição passiva e dos pais e cuidadores na posição ativa dos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal, todos dentro do Quatérnio Primário, que exercerá sua função estruturante até o final da adolescência (Byington, 2008). **Na teoria arquetípica da história, esta primeira metanoia individual corresponde à revolução agropastoril,** que permite o

assentamento dos povos e a ativação do Arquétipo Patriarcal na dimensão coletiva da socialização.

O desenvolvimento gonádico (12 anos) prepara o início da adolescência (12-20 anos) que coincide arquetipicamente com a ativação dos Arquétipos da Anima, do Animus, da Alteridade e do Herói, na atitude passiva além dos arquétipos Matriarcal e Patriarcal já ativados, e assinala a 4ª etapa da vida. Isto significa que o Ego não determina as escolhas que aqui ocorrem, pois é envolvido por elas. Dois jovens se beijam sem se conhecerem na penumbra de uma balada. Talvez nunca mais se vejam, mas talvez um dia comemorem o vestibular de seus netos.

Esses arquétipos constelados na adolescência colidem com a atitude ativa dos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal dos pais e buscam integrar conteúdos deles na atitude ativa dos jovens. Ocorre uma revolução na família, pois os filhos polarizam com os pais para disputar seus papéis. **Trata-se da segunda metanoia.** Essa revolução que configura a quarta fase e se estende dos 12 aos 20 anos constrói a separação dos jovens do Self Familiar e sua inserção progressiva no Self Cultural, onde começa a preparação da construção da nova família.

A quinta fase incluirá a construção de um novo lar com sua própria família e o desenvolvimento da vida profissional. **Trata-se da terceira metanoia.** Nesta etapa acontecerá a construção da integração dos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal na posição ativa e isto ocorrerá dentro de uma tensão com os Arquétipos da Anima, do Animus, da Alteridade e do Herói, que começam a buscar a atitude ativa no processo de sua implantação.

O grande paralelo mitológico entre a segunda e a terceira metanoias é a expulsão de Adão e Eva do Paraíso, ou seja, a “queda”:

Ora, a serpente era mais astuta que todos os animais que o SENHOR Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?

E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos, Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis para que não morrais.

Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.

E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, agradável aos olhos, e desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. (Gênesis 3:1-6)

A fala da serpente explicita claramente que a resistência de Deus, que aqui expressa o Arquétipo Patriarcal com o Ego (Adão, Eva e a serpente) na posição passiva era, para que eles não adquirissem o exercício da função ética na posição ativa, diferenciasssem o Bem e o Mal e pudessem legislar.

A sexta etapa (40-60 anos) corresponde à **quarta metanoia** que foi aquela originalmente descrita por Jung. Ele a viveu intensamente a partir de dos trinta e poucos anos, quando se apaixonou por sua ex-paciente Sabina Spilrein (1904-1911) e depois, por sua ex-paciente Toni Wolff (1912-). Ele se casara com Emma em fevereiro de 1903. O casal tinha quatro filhos e esperava uma quinta filha que nasceria em 14 de março de 1914 (Guerra, 2011).

O conflito entre os Arquétipos Matriarcal e Patriarcal, vivenciados dentro de uma família protestante tradicional e o amor extraconjugal foi algo profundamente doloroso e trágico para Jung e o levou a conceber os Arquétipos da Anima, do Self, o processo de individuação e **a metanoia** (Jung, 2009).

Na sexta fase da vida, implantam-se características dos Arquétipos da Anima, do Animus, da Alteridade e do Herói na atitude ativa. O Self expressa a busca pela profunda e única identidade de cada pessoa na realização de seu potencial. Apesar de muito importante, essa metanoia não é a primeira e não será a última.

A sétima fase da vida expressa o desapego não só dos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal, como também dos Arquétipos da Anima, do Animus e da Alteridade, para se vivenciar o encontro do Ego com a totalidade, dentro das dimensões do infinito, da eternidade e encontrar a paz, ou o Nirvana, como descobriu o Buda. **Trata-se da quinta e última metanoia**, que, com a ajuda da meditação, ultrapassa simbolicamente a morte do corpo físico e vivencia a vida eterna e, finalmente, a paz.

PSICOLOGIA SIMBÓLICA JUNGUIANA AS SETE FASES DA VIDA

1ª FASE: Intrauterina

Arquétipo Central

2ª FASE: Primeira Infância (0 - 2 Anos)

Arq. Matriarcal Passivo

3ª FASE: Segunda Infância (2 - 12 Anos) - 1ª Metanoia

Arq. Matriarcal Passivo

Arq. Patriarcal Passivo

Arq. do Herói Passivo

4ª FASE: Adolescência (12 – 20 Anos) - 2ª Metanoia

Arq. Matriarcal Ativo Inicial

Arq. Patriarcal Ativo Inicial

Arq. Anima / Animus Passivos

Arq. do Herói Passivo

Arq. de Alteridade Passivo

5ª FASE: Adulta (21 - 40 Anos) - 3ª Metanoia

Arq. Matriarcal Ativo Maduro

Arq. Patriarcal Ativo Maduro

Arq. Alteridade (Anima e Animus) Ativos

Arquétipo do Herói Ativo

6ª FASE: Maturidade (41 – 60 Anos) - 4ª Metanoia (Jung)

Arq. de Alteridade Ativo

Arq. Anima e Animus Ativos

Dom. Matriarcal ←  Dom. Patriarcal

Arquétipo do Herói Ativo

Segunda Adolescência

7ª FASE: Terceira Idade (Acima dos 60 Anos) - 5ª Metanoia

Arquétipo da Totalidade

Desapego Existencial / Conjunção Cósmica

**O ARQUÉTIPO CENTRAL E O ARQUÉTIPO DA VIDA E DA MORTE
ESTÃO PRESENTES EM TODAS AS FASES**

Referências Bibliográficas

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho (2008). *Psicologia Simbólica Junguiana. A viagem de humanização do cosmos em busca da iluminação*. São Paulo: Ed. Linear B.

_____ (2013). *A Viagem do Ser em Busca da Eternidade e do Infinito. As Sete Etapas Arquetípicas da Vida pela Psicologia Simbólica Junguiana*. São Paulo: Ed. do Autor, 2013.

GUERRA, Maria Helena R.M. (2011). *O Livro Vermelho - O Drama de Amor de C. G. Jung*. São Paulo: Ed. Linear B, dezembro de 2011.

HITE, Shere. (1976). *The Hite Report: a nationwide study of female sexuality*. New York: Seven Stories Press, 1981.

JUNG, Carl Gustav. (1913-1930). *The Red Book*. New York: WWW Norton, 2009.

MASTER, William and JOHNSON, Virginia E. (1966). *Human Sexual Response*. New York: Bantam Books, 1966.

PIAGET, Jean (1959). O Pensamento e a Linguagem da Criança. In WHIMONT, Edward C. (1969). *A Busca do Símbolo*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1998, pp. 23 e 24.

VAN GENNEP, Arnold (1909). *The Rites of Passage*. London: Routledge & Kegan Paul, 1960

WINNICOTT, Donald W. (1971). *Playing and Reality*. London: Penguin Books Ltd., 1974.

Na nossa próxima aula estudaremos o Arquétipo Patriarcal, ilustrado pelo filme *Billy Elliot*, no qual vamos encontrar um confronto radical dentro do Self Familiar de Billy, que inclui a elaboração da fixação do luto patológico de sua mãe e o desenvolvimento de sua Anima na sua individuação, a partir de uma dominância matriarcal, dentro de um Self familiar de intensa dominância patriarcal.

Texto para leitura: Psicologia Simbólica Junguiana: Capítulo X, pp. 201-225.

Boa noite a todos e até a próxima quinta-feira.

Byington